



“Que fazeis de especial?”

Jesus (Mateus 5:47)

“Espiritismo e personalismo são
dois polos que não se tocam.”
Célia Xavier

Conheça Aqui!

DIFICULDADE PARA ENXERGAR O ÓBVIO

Ao recapitularmos acontecimentos históricos, costumamos nos surpreender com a dificuldade demonstrada pelo ser humano para enxergar, em cada época e situação, o que hoje consideramos óbvio. Como ninguém viu algo tão simples, tão elementar, tão evidente? costumamos nos perguntar. É bem verdade que agora temos a nosso favor o olhar perspectivo proporcionado pelo tempo decorrido, que lança clareza sobre a relação de causa e consequência dos acontecimentos passados. Mesmo assim, persiste a surpresa ante a nossa histórica falta de percepção do óbvio.

Em nossas reflexões, costumamos enumerar as tragédias que poderiam ter sido evitadas, ou os significativos benefícios que poderiam ter sido alcançados, se na ocasião os personagens envolvidos tivessem agido com mais providência e sensatez, ou menos orgulho e ganância... Por exemplo, quantas mortes poderiam ter sido evitadas se os troianos houvessem agido com o mínimo de cautela após tantas batalhas sangrentas e averiguado antes de trazer para dentro de suas muralhas o presente dos gregos conhecido como *Cavalo de Tróia*, ou quantos benefícios poderiam ter sido capturados com a introdução precoce de simples cuidados sanitários e higiene pessoal. Isto e inúmeras outras coisas nos parecem, hoje, tão óbvias e simples.

Geralmente, narrativas da trajetória humana atraem minha atenção, gosto de ler sobre fatos e acontecimentos marcantes de nossa história, procurando entender, sob a ótica de análise humana, como chegamos até aqui. Recentemente, interessei-me por um dos maiores *best sellers* da atualidade, que conferiu ao autor rápida notoriedade mundial, como é comum nos dias atuais. Em determinado ponto da leitura, esse sentimento de surpresa com fatos pretéritos emergiu vigorosamente em meu consciente:

“Em 12 de outubro de 1492, por volta das duas horas da manhã, a expedição de Colombo colidiu com o continente desconhecido, Juan Rodrigues Bermejo, observando do mastro de sua embarcação, Pinta,

avistou uma ilha na que hoje chamamos de Bahamas e gritou “Terra à vista! Terra à vista!”.

Colombo acreditou que havia chegado a uma pequena ilha na costa leste da Ásia. Ele chamou as pessoas que encontrou de “índios” porque pensou que havia chegado às Índias ... Colombo alimentou esse erro pelo resto de sua vida. A ideia de que havia descoberto um continente completamente desconhecido era inconcebível para ele e para muitos de sua geração. Durante milhares de anos, não só os maiores pensadores e estudiosos como também as infalíveis Escrituras só tinham conhecimento da Europa, da África e da Ásia. Era possível que todos tivessem errado? A Bíblia pode ter ignorado metade do mundo? ... Em sua recusa em admitir ignorância, Colombo ainda era um homem medieval. Ele estava convencido de que conhecia o mundo inteiro, e nem mesmo sua descoberta grandiosa foi capaz de convencê-lo do contrário.”

Sapiens: Uma Breve História da Humanidade, Yuval Noah Harari (pág. 297, 1ª edição, fev-2015)

Naquele momento, impressionou-me fortemente a notícia sobre a incredulidade de um dos maiores navegadores da História diante de seu próprio feito. Interrompi a leitura e me detive a refletir: como Colombo não percebeu a grandiosidade de sua descoberta? Uma vastidão de terras extraordinariamente ricas e ele continuou a acreditar até sua morte que havia descoberto uma nova rota para as Índias. Isto, agora, parece-nos tão óbvio! O autor, como vimos, atribui esse erro (ou insistência em não ver o óbvio) às suas crenças pessoais e religiosas. Se assim foi de fato, Colombo orientou-se unicamente por suas crenças pessoais, sem enxergar os fatos com isenção e sem ouvir a voz da razão.

Lembrei-me de um conhecido alerta de Chico Xavier: “Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer um pode começar agora e fazer um novo fim.” A sábia advertência de Chico nos ensina a olhar para o passado em busca de avaliação e aprendizado, para que produza efeitos a partir de agora, e os erros pretéritos não persistam

André Brasil



continuação

no presente, construindo um novo futuro. Aí, novas questões me vieram imediatamente à mente:

Então, o que pode ser óbvio e que não estamos enxergando atualmente?

Ou, daqui a duzentos, trezentos anos, quando olharem para o momento presente e examinarem nossos comportamentos, quais obviedades constatarão que nós não estamos enxergando?

Nesta conjuntura extremamente singular, que encerra enormes desafios, uma grande quantidade de explicações, prognósticos e recomendações chega-nos diariamente. Muitas delas, com reconhecido valor e verdade, reflexões úteis e renovadoras neste momento especial, especialmente no campo da moral e do comportamento ético. Aproveitando a ocasião, e sem qualquer pretensão de ineditismo, convido o caro leitor a revisitar um tema antigo, mas que a cada dia se revela mais atual, contundente e desafiador, **a intolerância**.

Historicamente, a intolerância tem contribuído fortemente para absorver recursos e esforços que seriam muito produtivos se empregados em outros propósitos. Polêmicas, perseguições, crimes, etc. motivados pela intolerância em relação a indivíduos e a coletividades, a comportamentos, preferências, crenças, etnias, etc. Quantos esforços foram empregados para perseguir e prejudicar por simples intolerância. Quantos recursos materiais e intelectuais desperdiçados com a intolerância? É bem verdade que isto sempre aconteceu, mas será que não estamos levando ao limite a atual onda de intolerância?

Na atualidade, os poderosos recursos colocados à nossa disposição pelos extraordinários avanços tecnológicos possibilitam a conexão permanente de bilhões de pessoas, gerando contato e influências quase que instantaneamente, e assim surgiu campo ainda mais fértil para a disseminação da intolerância. O que estava parcialmente latente tornou-se ostensivo. Até mesmo o combate à intolerância tem sido intolerante. Incrível! Outro dia, assistindo a um debate sobre um caso de intolerância (que inequivocamente deve ser combatido), chamaram-me a atenção as agressões generalizadas dos participantes contra o autor da atitude discriminatória. Eram tão severas que fiquei me lembrando dos tempos das fogueiras, fiquei imaginando que só faltava começarem a juntar alguns gravetos para queimarem vivo o agressor. Ainda não atentamos para o alerta de Voltaire (célebre filósofo francês do século XVII) sobre respeito à opinião do outro, mesmo que dela discordemos totalmente: *“discordo de tudo o que dizes, mas defenderei até a morte o teu direito de dizê-lo”* (sabe-se hoje que esta frase não chegou ser pronunciada explicita-

mente por Voltaire, mas admite-se a citação pelo fato de ser totalmente coerente com seu pensamento).

Lembrei-me de precioso ensinamento de Emmanuel: *“Se opinamos para que sofra o mesmo mal com que feriu a outrem, apenas aumentamos a percentagem do mal em derredor de nós.”* (Emmanuel – *Fonte Viva*, Cap. 37). Será que não estamos, às vezes, nos comportando com igual intolerância para com os intolerantes? Será que às vezes, conforme a maneira como combatemos a intolerância, não estamos somente aumentando a quantidade de intolerância no mundo?

A intolerância recusa o diálogo e navega na superficialidade, impossibilitando o debate maduro das grandes questões que afetam os indivíduos e a sociedade. Retarda o progresso individual e coletivo, por concentrar esforços e recursos no embate e não na construção. A intolerância é expressão do orgulho e da vaidade.

Assim como Cristóvão Colombo, estamos diante de um grande e desconhecido “continente”. Ante as inusitadas circunstâncias do mundo contemporâneo, interpretamos os acontecimentos sob o prisma dos valores e crenças enraizados em práticas multimilenares, muitas vezes sem observarmos serenamente os fatos envolvidos e sem usarmos a razão para nossas escolhas. Estamos diante de um novo desafio, o de substituir progressivamente automatismos pela razão e o bom senso na condução de nossas ações.

Neste ponto do raciocínio, e retomando a questão inicial, parece sensato assumirmos que uma das grandes obviedades do mundo atual que precisamos enxergar é que **a intolerância é um enorme desperdício**, de tempo, de esforços e de recursos.

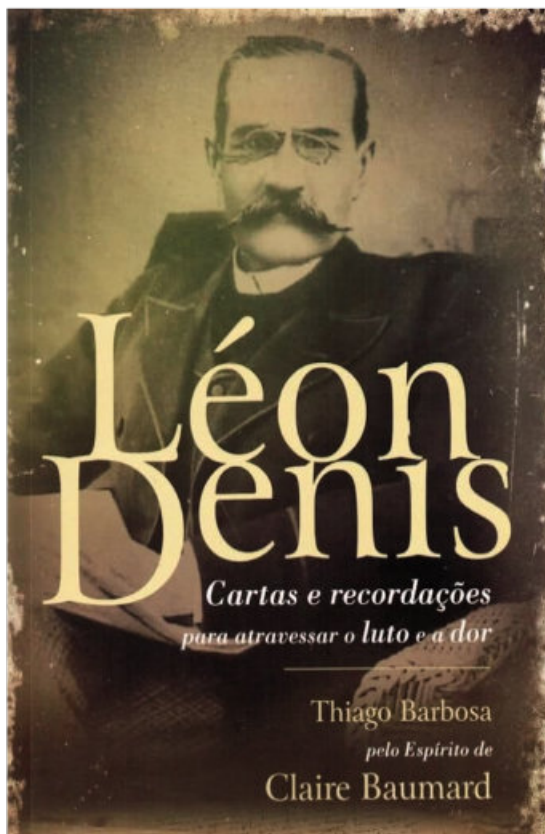
Sendo assim, somos conduzidos ao entendimento de que, neste momento tão singular da história da Humanidade – e de nosso progresso individual – ao sermos constantemente envolvidos em circunstâncias de preconceito, de discriminação e de intolerância, na verdade estamos sendo convidados a **abdicarmos da intransigência, a sermos efetivos no combate à intolerância e a termos indulgência para com os intolerantes**. Enfim, temos pela frente o desafio de mudar os paradigmas atuais e atentar para a mensagem cristã e a proposta espírita quando nos conclamam a responder à inquirição evangélica **“Que fazeis de especial?”**



DLBV INDICA

Departamento de Livraria, Biblioteca e Videoteca

Neste livrinho, que nos chega pelas mãos do médium Thiago Barbosa, se apresenta, pela primeira vez, uma coleção de cartas preservadas no arquivo pessoal de Claire, anotadas a partir de suas lembranças. Nesse sentido, o livro não é uma mera coleção – pelo que já teria, em si mesmo, grande valor –, mas uma elaboração de memórias a partir da sensibilidade e do afeto que este Espírito devota ao seu antigo amigo e mentor. A direção geral é sublinhar como as ideias, as palavras, os gestos e as ações de Léon Denis impactaram a vida daqueles que recuperaram a força de viver graças ao Espiritismo. Descrevem episódios reais de pessoas que experimentaram sentimentos de perda, de saudade, de tristeza, mas reencontraram, na compreensão da imortalidade da alma, a dose necessária de coragem e esperança. Sim, o sofrimento e a morte são uma constante na experiência humana. Do berço ao túmulo, o homem é atravessado por diversos dissabores e amarguras. Por que sofremos? Eis a dúvida que nos atormenta e afugenta as nossas primaveris ilusões. A morte... eis o problema que fere os nossos corações e decepa as flores das nossas mais ternas esperanças. Eu vos digo, choreis, mas esperançai; pois, a morte é apenas hiato entre as duas formas de vida, a vida do corpo e a vida do espírito. Se hoje chorais, crede-me, amanhã rireis quando as portas da imortalidade se abrirem e a saudade se transformará em reencontro, alegria e vida.



Márcio Xavier



Márcio Xavier é Coordenador do
Departamento de Livraria,
Biblioteca e Videoteca - DLBV



TÍTULO: LÉON DENIS - CARTAS E RECORDAÇÕES PARA ATRAVESSAR O LUTO E A DOR

AUTOR: CLAIRE BAUMARD

MÉDIUM: THIAGO BARBOSA

EDITORA: PRIMAVERA EDIÇÕES

PRIMEIRA EDIÇÃO: 2025

PÁGINAS: 128

FILOSOFANDO sobre as energias mentais



Correntes de elétrons mentais

Dentro de certa analogia, temos também as correntes de elétrons mentais, por toda a parte, formando cargas que aderem ao campo magnético dos indivíduos, ou que vagueiam, entre eles, à maneira de campos elétricos que acabam atraídos por aqueles que, excessivamente carregados, se lhes afeiçoem à natureza.

Recorrendo à imagem da caneta-tinteiro, em atrito com o pano de lã, e da máquina eletrostática, em que os elétrons se condicionam para a produção de centelhas, lembraremos que toda compressão de agentes mentais, através da atenção, gera em nossa alma estados indutivos pelos quais atraímos cargas de pensamentos em sintonia com os nossos.

A leitura de certa página, a consulta a esse ou àquele livro, determinada conversação, ou o interesse voltado para esse ou aquele assunto, nos colocam em correlação espontânea com as Inteligências encarnadas ou desencarnadas que com eles se harmonizam, por intermédio das cargas mentais que acumulamos e emitimos, na forma de quadros ou centelhas em série, com que aliciamos para o nosso convívio mental os que se entregam a ideias análogas às nossas.

Não nos propomos afirmar que o fenômeno da caneta-tinteiro ou do aparelho eletrostático seja igual à ocorrência da indução mental no cérebro. Assinalamos apenas a analogia de superfície, para salientar a importância dos nossos pensamentos concentrados em certo sentido, porque é pela projeção de nossas ideias que nos vinculamos às Inteligências inferiores ou superiores de nosso caminho.

E para estampar, com mais segurança, a nossa necessidade de equilíbrio, perante a vida, recordemos que à maneira das correntes incessantes de força, que sustentam a Natureza terrestre, também o pensamento circula ininterrupto, no campo

magnético de cada Espírito, extravasando-se para além dele, com as essências características a cada um.

Queira ou não, cada alma possui no próprio pensamento a fonte inestancável das próprias energias. Correntes vivas fluem do íntimo de cada Inteligência, a se lhe projetarem no “halo energético”, estruturando-lhe a aura ou fotosfera psíquica, à base de cargas magnéticas constantes, conforme a natureza que lhes é peculiar, de certa forma semelhantes às correntes de força que partem da massa planetária, compondo a atmosfera que a envolve.

Correntes mentais construtivas

Assim como a Natureza encontra, na distribuição harmoniosa das próprias energias, o caminho justo para o próprio equilíbrio, sustentando-se em movimento contínuo, o Espírito identifica, no trabalho ordenado com segurança, a trilha indispensável para o seu clima ideal de euforia.

Quanto mais enobrecida a consciência, mais se lhe configurará a riqueza de imaginação e poder mental, surgindo, portanto, mais complexo o cabedal de suas cargas magnéticas ou correntes mentais, a vibrarem ao redor de si mesmo e a exigirem mais ampla quota de atividade construtiva no serviço em que se lhe plasmem vocação e aptidão.

Seja no esforço intelectual em elevado labor, na criação artística, nas obras de benemerência ou de educação, seja nas dedicações domésticas, nas tarefas sociais, nas profissões diversas, nas administrações públicas ou particulares, nos empreendimentos do comércio ou da indústria, no amanho da terra, no trato dos animais, nos desportos e em todos os departamentos de ação, o Espírito é chamado a servir bem, isto é, a servir no benefício de todos, sob pena de conturbar a circulação das próprias energias mentais, agravando os estados de tensão. •

MECANISMOS DA MEDIUNIDADE

André Luiz (Espírito)

Waldo Vieira (Espírito)

Francisco C. Xavier

Cap. 15 - Cargas elétricas e cargas mentais

Expediente

Informativo semanal da

AECX - Associação Espírita Célia Xavier

CNPJ: 17.511.502/0001-80

Fundação: 27.12.1945

Registro: Cartório do Registro Civil das Pessoas

Jurídicas da Comarca de Belo Horizonte – MG, sob o

número 28.464, no livro A-24 fls. 113 em 19.11.1974

Utilidade Pública Federal: Decreto publicado no DOU de 05.07.1991

Utilidade Pública Municipal: Lei 2788 de 16.09.1977

- Belo Horizonte, Decreto 2.298 de 17.05.1982 -

Betim e Lei 2.473 de 06.11.2001 - Ribeirão das Neves

Certificado de Regularidade de Entidade de

Assistência Social: SEDESE - inscrita sob nº 772/SIRES

constituída conforme artigos 53 a 61 do Código Civil

Brasileiro, Lei 10.406 de 10.01.2002.

Presidente:

Cândido André Rodrigues

Assessoria de Comunicação:

João Parreira Lima

Diretoria Doutrinária:

Najla Loureiro Aguiar Marinho

Divulgação:

Equipe da Assessoria de Comunicação; website

Editor Responsável:

João Parreira Lima

Redação Geral:

André Luiz F. Brasil

Projeto Gráfico / Diagramação:

Deyler Santos Paiva

Revisão:

Equipe do Conheça Aqui

Imagens (fotos, ilustrações, vetores):

Próprias e obtidas em bancos de imagens gratuitas (Pexels, Pixabay, Unsplash, etc.)

Expedição:

Disponibilizado somente em formato digital via e-mail de inscrição pelo site da AECX

Serviços de e-mail:

Mailchimp

Website / E-mail:

www.aecx.org.br / faleconosco@aecx.org.br

Endereço para correspondência:

AECX - Assessoria de Comunicação

Rua Cel. Pedro Jorge, 314 - Prado

Cep: 30411-105 - Belo Horizonte / MG

Contato Secretaria:

(31) 3334-5787